

A erudição contemporânea e as evidências históricas para a ressurreição de Jesus Cristo

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Depois de avaliar a erudição contemporânea acerca da historicidade da ressurreição de Jesus Cristo, o doutor William Lane Craig afirma que "as aparições da ressurreição, o túmulo vazio e a origem da fé cristã – todos inevitavelmente apontam para uma conclusão: a ressurreição de Jesus".

"O Homem", escreveu Loren Eisley, "é o Órfão Cósmico". Ele é, no Universo, a única criatura que pergunta "Por quê?". Os outros animais têm instintos para guiá-los, mas o homem aprendeu a fazer questionamentos. "Quem sou eu?", ele pergunta. "Por que estou aqui? Para onde vou?"

Desde o Iluminismo, quando o homem moderno livrou-se das algemas da religião, tem-se tentado responder a essas questões sem fazer referência a Deus. Contudo, as respostas que vieram não foram animadoras, mas tenebrosas e terríveis. "Você é um subproduto acidental da natureza, o resultado de matéria mais tempo mais acaso. Não existe qualquer razão para sua existência. Tudo que você encara é a morte. Sua vida é nada mais do que uma centelha na escuridão infinita, uma faísca que aparece, brilha por um instante, e morre para sempre".

O homem moderno pensou que, ao despir-se de Deus, iria se libertar de tudo o que o sufocava e o reprimia. Em vez disso, descobriu que, matando Deus, matara a si mesmo.

Ao contrário desse cenário da mensagem moderna, a tradicional esperança cristã da ressurreição assume brilho e significado bem maiores. Conta ao homem que, apesar de tudo, ele não é órfão, e sim a imagem pessoal do Deus Criador do Universo; a sua vida não está fadada à morte, pois através da ressurreição escatológica ele poderá viver na presença de Deus eternamente.

Esta é uma esperança maravilhosa. Porém, é claro, esperança que não é baseada em fatos não é esperança, mas mera ilusão. Por que deveria a esperança cristã da ressurreição escatológica soar ao homem moderno como nada mais do que mera utopia? A resposta está na convicção cristã de que um homem foi antecipadamente ressurreto, por Deus, de entre os mortos como o precursor e exemplo da nossa própria ressurreição escatológica. Esse homem foi Jesus de Nazaré, e Sua ressurreição histórica dentre os mortos constitui o fundamento factual sobre o qual a esperança cristã é baseada.

Notadamente, durante o último século a teologia liberal fez pouco caso da ressurreição histórica de Jesus. Uma vez que os teólogos liberais retiveram a pressuposição – que herdaram dos deístas – contra a possibilidade de milagres, uma ressurreição histórica era, *a priori*, simplesmente fora de cogitação. A explicação mitológica de D. F. Strauss capacitou-os a explicar as narrativas da ressurreição no Novo Testamento como ficções lendárias. A crença na ressurreição histórica foi uma ressaca vinda da antiguidade, e dela já é tempo de o homem se livrar. Assim, no principal estudo sobre a historicidade da ressurreição a partir de uma perspectiva liberal, o livro *The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ* (1907), de Kirsopp Lake, o autor cuidadosamente traça o desenvolvimento lendário das narrativas da ressurreição, partindo do evento histórico inicial da visita das mulheres ao túmulo errado.

Lake conclui que isso não é o fim, de qualquer maneira: o que é vital para a teologia cristã é a crença na imortalidade da alma, a crença em que os amigos e parentes que partiram ainda estão vivos, e que, em um tempo determinado, seremos reunidos a eles. Assim, o NT foi substituído pelo *Fédon**.

A teologia liberal não pôde sobreviver à I Guerra Mundial, mas sua morte não trouxe qualquer interesse renovado na historicidade da ressurreição de Jesus, pois as duas escolas que a sucederam estavam unidas em sua desvalorização do que é histórico em relação a Jesus. Dessa forma, a teologia dialética, proposta por Karl Barth, defendia a *doutrina* da ressurreição; porém, não teria nada a ver com a ressurreição considerada como um evento *na história*. Em seu comentário ao livro de Romanos (1919), o jovem Barth declarou: "A ressurreição toca a história como uma tangente toca um círculo – isto é, sem realmente tocá-lo". A teologia existencial, exemplificada por Rudolf Bultmann, era ainda mais antitética à historicidade da ressurreição de Jesus. Embora Bultmann reconhecesse que os primeiros discípulos acreditavam na ressurreição literal e que Paulo, em I Coríntios 15, tenta até mesmo provar a ressurreição, ele apesar de tudo pronuncia tal procedimento como "fatal". Isso reduz a ressurreição de Cristo a um milagre na natureza análogo à ressurreição de um defunto. E não se pode racionalmente pedir ao homem moderno que ele acredite em milagre na natureza antes de se tornar um cristão. Portanto, os elementos miraculosos do Evangelho devem ser demitologizados, a fim de revelar a verdadeira mensagem cristã: o chamado à existência autêntica, em face da morte, simbolizado pela cruz. A ressurreição é meramente uma redeclaração simbólica da mensagem da cruz e, essencialmente, nada acrescenta. Apelar à ressurreição como evidência histórica, em semelh